

I PARTE

A PROSPERIDADE ECONÔMICA E A CIRCULAÇÃO MONETÁRIA

Augusto Alexandre Machado
Catedrático de Economia Política

- 1.º) A produção nacional e o papel moeda;
- 2.º) Os males da inflação e a alta de preços;
- 3.º) As crises políticas e a circulação monetária;
- 4.º) A política financeira e o valôr da moeda;
- 5.º) A taxa de câmbio e a situação econômica.

1.º) Não padece duvida ser o valôr da produção de um país o meio mais indicado atualmente para aquilatar-se a necessidade de sua circulação fiduciária.

Isso porque a maioria das nações desfalcadas de lastro ouro se sentem impossibilitadas de movimentar uma circulação de papel moeda baseada no clássico GOLD POINT, ou sêja, a percentagem mínima de um têrço do valôr do meio circulante, depositado nos bancos de reserva.

Infelizmente as estatísticas brasileiras são deficientes no cálculo do QUANTUM anual da nossa produção. Portanto nem mesmo esta base de cálculo poderá servir-nos com exatidão e segurança, para avaliação do valôr necessário à circulação monetária nacional. Estudando-se porém, a evolução econômico-financeira do Brasil num decênio, verifica-se haver a deflação violenta ocorrida em 1929 e 30 com a retirada da quantia superior a oitocentos milhões de cruzeiros do giro fiduciário, produzindo acentuada crise de crédito, da qual decorreu **impressionante esmorecimento** da produção em seus variados setôres. Atalhada porém, a

tempo, a depressão através de emissões de papel moeda e apólices, continuou o progresso comercial brasileiro.

Pode-se afirmar que a grande DEBACLE econômica de 1929 teve, no Brasil, sua intensidade acelerada principalmente pela deflação inesperada e violenta operada na massa do seu meio circulante. Segundo os últimos dados estatísticos relativos à produção agro-pecuária e industrial do país, em cálculos feitos a grosso modo, importava esta em cerca de vinte e quatro milhões de cruzeiros, avaliação realizada, através de dados oficiais e de instituições representativas das classes produtoras. No cômputo aludido não foi possível aquilatar, com exatidão, a grande massa de riquezas representadas pelas utilidades produzidas e consumidas nos próprios municípios originários, que não puderam ser submetidos a controle estatístico. O valor desta produção é enorme, sabendo-se haver municípios cujo consumo local de seus próprios produtos supera em valor o total exportado. Não haverá provavelmente exagêro em computar nesse tempo, em cerca de trinta milhões de cruzeiros a circulação fiduciária do país, representando esta uma quantia cerca de cinco vezes inferior ao cálculo aproximado de sua produção.

Sabendo-se ser o Brasil país de organização bancária incipiente, o que seriamente prejudica o rápido movimento do dinheiro, numa extensão territorial imensa, fácil será constatar a exiguidade de numerário capaz de suprir convenientemente o financiamento da nossa organização agro-industrial. O Japão, de território muitas vezes menor que o brasileiro, sem elementos para desenvolver vultosas somas de matérias primas, vivendo principalmente através dum esforço ciclópico para beneficiar produtos de origem alienígena a fim de reexportá-los, chegou a dispor todavia de ampla circulação fiduciária representada em doze bilhões de cruzeiros. Aliás, como demonstrativo da exiguidade da massa de dinheiro circulante em nosso país basta lembrar que atingia a cerca de quatro bilhões e trezentos milhões de cruzeiros a arrecadação total dos impostos federais; os estaduais e municipais ultrapassam dois bilhões de cruzeiros. Temos assim um meio circulante sensivelmente inferior ao total das rendas arrecadadas anualmente no país.

A muitos, impressiona uma possível inflação sob a alegação de não dispômos de reserva ouro. Esta, até há poucos anos existente, vai todavia lenta mas seguramente avolumando-se. Já excedente no momento a quarenta toneladas ou cerca de novecentos milhões de cruzeiros, media-se na proporção de 18% do total da circulação verificada.

O tradicional princípio do GOLD POINT, ou seja a reserva

de um tçoouro lastreando a moeda papel em movimento, é hoje considerado anacrônico, por isso que enquanto a produção do ouro se desenvolve em escala aritmética o desenvolvimento da circulação fiduciária em quase tôdas as nações vai obedecendo a evolução geométrica. Computando-se a aquisição de ouro em nosso país na base de sete toneladas anuais, porquanto esta é a média que vai prevalecendo, estaríamos, no espaço de alguns anos, perfeitamente habilitados a entesourar lastro metálico capaz de manter a percentagem até mesmo de um tçoem relação ao papel moeda circulante, segundo a lei de Grescham tomando-se porém, em consideração, no desenvolvimento ascensional das emissões, que estas se orientam no sentido de cálculos previamente controlados. Aliás, é sabido que, da produção total do ouro nos rincões brasileiros, o govêrno adquire apenas uma percentagem relativa, sendo que uma melhor fiscalização e o estabelecimento de pontos de aquisição nos seus principais centros de extração facultária elevação ao duplo da capacidade de compra do Banco do Brasil.

Enquanto não possuirmos um banco suscetível de controlar a maior ou menor fôrça de absorção de numerário nos épocas de safra, qualquer deflagração monetária terá como próxima consequência a perturbação do progresso agrícola do país; e, como este desenvolvimento se processa intensamente conforme dados estimativos publicados anualmente, subentende-se ser crescente a necessidade de emissões da nossa circulação a seguir em linha paralela com a produção, ficando o Brasil indene da inflação, com o seu cortêjo natural de fenômenos perturbadores da economia das nações; o próprio inventor do papel moeda, o escocês Law, induziu o govêrno francês a realizar emissões descontroladas que levaram então aquêlê país à bancarrôta.

A experiência decorrente de observações sobre o meio circulante em vários países demonstra porém manter-se a capacidade da circulação fiduciária no Brasil, longe, de atingir gráu de saturação. Para esta conclusão nos conduzem duas razões substanciais: a fôrça expansionista da produção nacional, reclamando imperiosamente mais amplos recursos para financiamento, e a tendência sempre progressiva do ouro das lavras, o que nos facultará estabelecer imprescindível correlação entre o meio circulante e o encaixe ouro.

2.º) Os males da inflação monetária fôram realçados e discutidos por Valdemar Falcão em seu trabalho «O EMPIRISMO MONETÁRIO». Através das páginas dêsse excelente trabalho se poderá avaliar os efeitos da política do Presidente Artur Bernardes quando se deixou empolgar pela política inflacionista

do saudoso Cincinato Braga, defendendo a expansão da carteira emissora do Banco do Brasil.

Dentro de pouco tempo a circulação estava aumentada de 800.000.000 de cruzeiros, e os efeitos desse aumento começaram a se fazer sentir em todos os setores da vida econômica.

A corrente de Mario Brant sustentou uma atitude contrária a essa política de emissão e o governo, em face dos acontecimentos, recuou desse caminho e, por isso, em 1925, tomou novo rumo, convencido dos resultados funestos de falsa valorização dos produtos.

Realmente, a vantagem não está na elevação sistemática do nível dos preços. Essa elevação de logo se generaliza, e uma compensação se estabelece anulando a vantagem desse ou daquele produtor.

Por outro lado, por efeito dessa política de valorização, é que o Brasil tem perdido os mercados para produtos fundamentais de sua economia, passando por crises assustadoras. As famosas e funestas valorizações da BORRACHA, do CAFE' da CÊRA, e de outros produtos têm servido, apenas para fomentar a cultura desses produtos em outras regiões, tornando, sensivelmente, na maior aplicação da famosa LEI DA SUBSTITUIÇÃO com aparecimento de produtos sucedâneos que evitem a exploração de certos mercados ou industriais.

Assim, devemos concluir que a valorização não deve exceder daquele nível de preço que permite um lucro razoável porque, assim, fica compensada a atividade produtora sem criar o interesse de novos centros da produção para concorrer com os já existentes. Infelizmente, a incompreensão, a falta de espírito público, a ausência de visão, em relação ao futuro, o imediatismo dos resultados, tudo isso tem concorrido para as crises angustiosas que temos atravessado. Esquecem esses USURÁRIOS SEM ALMA E SEM PATRIOTISMO de que, quanto maior a crise, maior o perigo contra a sua estabilidade financeira, ou, pelo menos, dos seus descendentes. Precisamos ter, no momento, uma compreensão superior da finalidade social das instituições, e por isso, amparar também o trabalho, com o devotamento, o espírito de cooperação, com lealdade para tudo e para todos.

O mal não está nessa ou naquela orientação política ou econômica, mas, principalmente, na inobservância dos princípios de justiça, de honestidade, de cooperação e de amor ao próximo. Aumentar o preço das mercadorias com o aumento da circulação monetária não importa em valorizar realmente a produção, representando, apenas, uma diminuição do poder aquisitivo da moeda:

- 1.º Porque não houve aumento correspondente da produção;
- 2.º Porque não houve aumento proporcional de garantia das emissões;
- 3.º Porque não houve menor procura dos produtos existentes.

Não é possível fixar, rigorosamente, qual a soma de numerário preciso para o mercado; isso depende do curso das transações e do vulto das iniciativas. Mas, se os governos procurarem, dentro de certos limites, em defesa do interesse público, coibir as especulações criminosas, as incorporações fantásticas, as aventuras pouco escrupulosas e sem finalidades produtoras, diminuirá a necessidade de numerário e assim, também, a necessidade de emissões.

Não se argumente que a baixa do câmbio criada pela inflação valoriza os produtos exportados em moeda nacional.:

- 1.º Essa valorização beneficia, se possível, somente o exportador;
- 2.º A baixa do câmbio encarece sobremodo a vida de todos;
- 3.º Os que vivem de salário vêm reduzido, sensivelmente, o poder aquisitivo do mesmo;
- 4.º Desde que o aumento de salário não pôde acompanhar a baixa do poder aquisitivo, há uma diminuição de satisfação das necessidades para a grande massa trabalhadora.

O professor Rodrigues Vale, da Faculdade de Ciências Econômicas do Rio de Janeiro, em tese apresentada ao PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA, afirmou: Para o Brasil poderemos reservar incontáveis riquezas; mas, para obtê-las, torna-se indispensável, antes de tudo, sanear a nossa moeda, e, de um passo, cercar de amplas garantias o capital alienígena que nos procurar.

Com uma produção anual de cerca de 6.000 quilos de ouro, pouco poderemos fazer, exclusivamente, com os nossos recursos quando a produção mundial, por ano, é de cerca de um milhão e duzentos mil quilos. Sem o maior comércio e maior confiança internacional não é possível progredir muito e, por isso, da política econômica com os Estados Unidos depende, em grande parte, a nossa expansão econômica.

* * *

3.º E' justamente nos momentos de crise, de dificuldades insuperáveis, de deficiência manifesta de recursos que todos bradam — Não há dinheiro, falta numerário, a circulação é insu-

ficiente para as necessidades do mercado. Diante da falta de dinheiro, o crédito, por sua vez, logo se retrai, a taxa do desconto também se eleva, e por isso o levantamento de somas se opera consideravelmente. Essa falta de recursos monetários no mercado asfixia a produção agrícola.

Dêsse jeito, não há como evitar as dificuldades do comércio com a falta de recursos para atender aos compromissos inadiáveis. Eis, em síntese, a desmonstração de interdependência ou solidariedade dos fenômenos econômicos.

Se o crédito elastece a massa monetária, também sem moeda à altura das necessidades não há crédito, porque não há sobretudo confiança nas transações. Os bancos que são, por dizê-lo, os negociantes de dinheiro sentem o risco da falta de disponibilidade no guichet. Sendo assim, não se compreende a restrição da circulação monetária como medida de salvação. Mas se a restrição é prejudicial, a hipertrofia das cifras da emissão de notas pôde também levar o menor poder aquisitivo e desvalorizar cada vez mais a moeda. Emissão pede emissão e quanto mais emissões menor o valôr, se não houver garantias ou valôres que representem, de qualquer jeito, essas emissões. Emissões a descoberto é fonte de crise monetária e até de bacarrota.

Razão teve Dupont de Nemours, expressão indestrutível de corrente fisiocrata, quando à vista das emissões sucessivas dos assinados de França, afirmou, convictamente: Dentro de pouco teremos um par de botas por milhares de francos,

E assim foi.

Quanto menor o poder aquisitivo da moeda, menor o poder de consumo dos assalariados, e conseqüentemente, a dificuldade de vida da maioria da população. Grande parte das reivindicações violentas nasceram dessa falta ou carência absoluta de meios nas classes populares. Por maiores que fôsem as verdades filosóficas dos pregoeiros da Revolução Francêsa, nada se teria obtido sem o ambiente de miséria que dominava a França. Os Estados Unidos serão o baluarte das tradições individualistas e liberais, enquanto dispuserem de recursos para todos viverem. Num ambiente de prosperidade não há revoluções, porque o comodismo é, a despeito de tudo, mais forte que o ideal. Os abnegados formarão sempre uma pequena minoria de heróis.

Infelizmente, nem sempre as medidas adotadas pelos governos para evitar os males de uma crise monetária têm sido eficientes. É que na situação do mercado há fatores negativos, cuja ação cumpre, por todos os meios, evitar. Sem a compreensão das despesas adiáveis, a fiscalização rigorosa da arrecadação, a concessão de certos favores à produção e adoção de uma política alfandegá-

ria que consulte aos interesses do momento; sem a criação de fundo, cada vez maior, de garantia, a cessação absoluta de emissão sem valores representativos de qualquer natureza real, nada se poderá obter de estável e proveitoso, porque não se irá além de simples paliativos.

A inflação, sem lastro ou sem garantia de valores permutáveis, pode dar fugazmente a aparência de riqueza, mas, logo depois, se afirma a crise em maior intensidade. Uma política financeira de reconstrução não admite as transigências, camaradagens, concessões, tolerâncias, pretensões contrárias ao interesse público. É preciso ter ideal e vontade para realizar esse programa. Cortejando os favôres da popularidade, não se resolve eficientemente uma situação difícil. Mas a intransigência para ser eficaz, não se fundamenta no arbítrio, decorre da aplicação indeclinável de um programa criteriosamente formulado, agrada ou desagrade a quem fôr interessado. Sêjam quais fôrem as circunstâncias, afirma Suberbeseaux com o pêso de sua autoridade, é preciso não esquecer que a falta de apreciação rigorosa da situação financeira, tem determinado o arbítrio na emissão de notas e assim agravado a situação do mercado monetário. Na execução de um plano financeiro é que mais se afirma a vontade e a fôrça de um govêrno, sêja qual fôr.

Adolfo Wagner, estudando as crises monetárias da Russia, escreveu certa vez: Ou se aumenta novamente a quantidade de papel moeda, ou se deixa que, pouco a pouco, pela elevação do índice de produção, a circulação se vá amoldando ao nível das necessidades.

O primeiro é mais fácil porém mais precário nos seus efeitos. Realmente o alívio criado por uma emissão sem aumento correlativo de valores permutáveis, sem maior quantidade de riqueza, com o qual a moeda se troque ou permuta, todo alívio é passageiro para criar, logo depois, maiores dificuldades. Novas crises determinarão novas emissões, e, assim, sucessivamente, as crises se repetem, em detrimento da economia do país.

Por mais otimistas que sêjam os inflacionistas, a verdade é evidente e indestrutível.

A tésede Ricardo, não é verdadeira no seu rigorismo matemático de uma verdadeira proporção entre a cifra global das emissões e o nível do valôr da moeda, de vez que êste não é função exclusiva de sua quantidade.

Isso, porém, de nenhum modo autoriza a opinião daquêles que aceitam que a maior riqueza é função da maior circulação. O dinheiro é meio e não fim. A quantidade é inegavelmente um dos grandes fatôres do valôr da moeda, e assim não há como ne-

gar que a circulação do país, seja qual fôr a espécie da moeda, influe diréta e imediatamente em o nível da taxa cambial.

Observamos apenas que, em se tratando de uma circulação sadia ou facilmente convertível ou permutável, a depreciação não desce de certos limites que na circulação de lastro ouro se denomina *Gold-point*. Mas, em se tratando de moeda sem nenhum valôr representativo, sem garantia correlativa ao valôr da circulação, essa depreciação não tem limite porque pode ir até a bancarrôta, como aconteceu com a Alemanha depois da guerra, uma vez que o resgate foi de um por milhão, reduzindo a quase zero o valôr da unidade em circulação.

E' que na vigência das circulações sadias o equilíbrio facilmente se refaz, o que se denomina lei do refluxo de Fullarton.

Os homens públicos, em todo mundo são os responsáveis dirêtos pelos desmandos financeiros, nascidos da insinceridade dos ministérios, chamados não raro para salvar o país. A despeito de suas grandes responsabilidades perante a Nação, nem sempre eles se mostram fiéis aos seus compromissos e, ainda assim, pretendem a estima do povo. Seja qual fôr o rumo que venha tomar a política monetária do mundo com a vitoria da Alemanha ou da Inglaterra, o inflacionismo não pode ser solução construtora e definitiva porque atenta contra a realidade hedonística da atividade econômica. Entre nós teremos, na falta de novos rumos nascidos do resultado desta guerra, que aplicar intransigentemente, com cautela e parcimônia, o velho plano de Murtinho e Campos Sales, inegavelmente dignos da admiração da posteridade.

* * *

4.º) Quase todos os países do mundo têm se visto enredados nas telas do curso forçado por força de dificuldades financeiras. A diferença única é que somente os bem administrados conseguem, depois de grandes aflições, vencer os óbices, de começo insuperáveis, para restabelecer o equilíbrio orçamentário em que se fundamenta a possibilidade de saneamento da moeda. Com orçamentos deficitários êsse saneamento é inatingível. O desequilíbrio orçamentário pôde ser admitido com efeito de situação transitória e nunca como condição «endêmica». Em geral os governos são obrigados a lançar mão dêste meio de custear as despesas, quando se torna, por força de circunstâncias imperiosas, impossível realizar operações de crédito em condições pelo menos razoáveis. Mas nêsse caso o governo emite sempre com o propósito de, cessado o período agudo de crise, voltar à política de valorização da moeda, restabelecendo, logo que possível, o regime da convertibilidade.

A prática, porém, tem demonstrado que, uma vez adotado

o regime do papel moeda, somente com muita superioridade de visão e tenacidade se conseguiria meios ou recursos para restringir o «quantum» da despesa e, assim, criar uma possibilidade de equilíbrio, com a redução lenta, sistemática e gradual do «deficit». Para isso é preciso um governo de vontade férrea, na realização de um programa financeiro. Com o desejo de atender aos amigos, aos pedidos, aos interesses de partido ou de classe, não se consegue, de nenhum modo, o equilíbrio almejado e assim, depois de algum tempo, o governo e o partido perdem a influência ou domínio político.

Agindo de modo inflexível, honesto, sem transigências nem vacilações, quando assim exija o interesse coletivo, é que se consegue sanear a moeda do país, seja qual for o regime dominante. Os «assinados» da França dão bem um triste exemplo dessa realidade. Mas em 1870, depois da guerra franco-prussiana, a França deu um grande exemplo ao mundo, graças ao espírito econômico e à cooperação eficiente do povo.

O governo da terceira república agiu no sentido de evitar, a todo o custo, que a situação se prolongasse por mais tempo, conseguindo que o ágio do ouro não excedesse muito de três por cento.

Salva essa honrosa excessão, o que se tem visto com o curso forçado é a protelação do mal, até que, com um sacrifício imensurável, porem digno de um povo conscio de seus deveres, o governo do país consiga equilibrar o orçamento.

Os Estados Unidos, a nação mais rica do mundo e de maiores possibilidades em todos os setôres, já suportou os efeitos do curso forçado por cerca de 40 anos, com o pequeno intervalo de 1883 até 1888.

Vê-se, portanto, que o principal efeito do «papel moeda» é se tornar um mal crônico de difícil eliminação. Se os onus imediatos são menores do que os do empréstimo, os males indiretos ou imediatos são incalculáveis e de difícil eliminação.

A facilidade de emissão e a dificuldade do empréstimo, em certos momentos, têm incitado os ministros a preferirem a emissão. E a facilidade dessa emissão tem fomentado, á custa dêsse dinheiro precário, grandes obras e grandes despesas que se transformam em dificuldades futuras, mas também cria maiores possibilidades. O grande erro está em fazer com papel moeda, obras improdutivas ou suntuárias. Essas obras se justificam em situação de prosperidade. As iniciativas de caráter produtivo podem, ainda que feitas com papel moeda, se converter em fontes de renda para o reajustamento financeiro. Tudo depende, portanto, do critério e da honestidade das aplicações. No dia em que a «des-

honestidade» for considerada, se provada de modo insuspeito, crime de alta traição, «sabotage» contra a nação e por isso impiedosamente punida pelos governos, as finanças do mundo melhorarão.

E' preciso, porém, não confundir punição com perseguição, com vingança política que, não raro, degrada os objetivos.

Sem um freio capaz de conter as especulações, o mundo irá crescendo nas dificuldades de vida para todos, e irão aqui e alí, em todos os países, mais ricos e mais pobres aumentando, cada vez mais, as emissões sem garantia ou sem lastro metálico. e os mercados vão se abarrotando de papel moeda, ou mesmo moeda fiduciária sem as possibilidades de conversão, dando largas às especulações, enriquecendo um pequeno grupo e empobrecendo cada vez mais o povo e o erário público. A moeda corrente vai assim perdendo a fôrça aquisitiva com a elevação desmedida dos preços, se a produção não acompanhar o surto da emissão para equilibrar o mercado. De qualquér sorte um profundo desequilíbrio se estabelece em tôda a economia do país e uma crise se afirma para tudo e para todos.

* * *

5.º) A crise econômica será tanto mais intensa quanto mais desacreditada a moeda. Se a quantidade de moeda em circulação aumenta sem aumento correlativo da produção, o poder aquisitivo da moeda diminue consideravelmente, e neste caso a crise não tem limites no crescer das dificuldades. A nossa situação tem se agravado em parte, pela falta de visão dos nossos produtores. Aqui não há o propósito de ganhar muito, produzindo muito, vendendo muito a preço comodo, de modo que todos possam comprar. Esse é o modo inteligente de fortalecer o capitalismo com o apóio da própria massa que se sente em condições de relativa facilidade de vida. E' o caso norte-americano.

Nós, ao contrário, pensamos em limitar a produção para manter alto o preço e ganhar muito, ainda que irritando e sacrificando os consumidores. E' a falta absoluta de senso e de visão. Dêsse modo, inconscientemente os produtores conspiram contra a própria tranquilidade. Falta a êsses homens educação econômica e por isso eles concorrem para agravar a crise.

Assim, de há muito a crise vem atormentando o Brasil como efeito de três grandes êrros :

- 1.º) Propósito de ganhar muito empregando pouco capital.
- 2.º) Crença de que só a alta cambial é que interessa a economia do país.

3.º) Esquecimento de que a relativa estabilidade do valor da moeda constitui a base de toda a prosperidade econômica e garantia dos patrimônios.

Se há 50 anos nos tivéssemos corrigido desses três erros, o Brasil estaria hoje em outras condições. O que domina porém aqui é, exclusivamente, o interesse imediato porque falta alguma coisa que se chama espírito público e que precisa ser, custe o que custar, instilado na alma do povo.

Não chegamos a compreender que a moeda não deve variar constantemente de valor, e, muito menos, ter diminuído continuamente, o mesmo por maior emissão ou falta de maior produção.

Os desvios de um todo cambial podem ser o resultado accidental de uma oferta à procura do mercado, como podem ser o resultado de uma procura artificialmente forjada por fim especulativo e por isso mesmo precária.

A prosperidade econômica não se consegue, realmente, com o câmbio, mais alto ou mais baixo, mas principalmente, com a estabilidade do mesmo.

Só a estabilidade cria a confiança e gera estímulos para maior atividade produtora.

Onde há oscilação constante há dúvida, há perigo, há possibilidade de grandes lucros mas também de prejuízos vultosos. A maioria foge dessa condição aleatória, perigosa, sem segurança nem confiança.

Eis porque, logicamente, concluímos que seja qual for o nível de todo cambial, se ele é relativamente estável, com esse nível se poderá construir a grandeza econômica de qualquer empresa e a situação de equilíbrio do Erário Público.

No começo de nosso regime republicano, começou a aumentar o nosso meio circulante que de duzentos mil contos ou milhões de cruzeiros passou a cerca de 54 bilhões de cruzeiros aproximadamente, em sucessivas massas de notas que foram lançadas na circulação. Mas, mesmo havendo maior circulação, se essa não for aumentando indefinidamente, haverá como que uma acomodação, e por uma assimilação lenta e gradual vai se restabelecendo o equilíbrio, bastando para isso:

- a) compressão de despesas improdutivas;
- b) suspensão de novas emissões;
- c) aquisição constante do ouro que aparece no mercado para garantia da circulação existente;
- d) reserva das disponibilidades em ouro para os pagamentos externos;
- e) desenvolvimento da produção para elevar o poder aquisitivo do mercado.

Os que se desinteressam por êsses problemas monetários e aquisitivos são sabotadores do regime capitalista, mesmo no seu sentido mais conciliador dos interesses do capital e do trabalho. São dêsses que pensam em ganhar hoje de qualquer fôrma, mesmo que os seus filhos venham tudo perder.

Sòmente a ignorância, a usura desenfreada, a falta da mais elementar educação econômica, poderão justificar uma atitude contrária à aproximação, à solidariedade, ao auxílio mútuo, em benefício de todos.

O mais é construir na areia, à mercê do furacão. Sòmente os justos podem contar a ajuda de Deus.